

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT6: Educação, literatura e sociedade

A morte do leitor? Práticas de leitura entre estudantes da Universidade Federal Fluminense

Joaci Pereira Furtado (UFF), Kelly Cristina Mota Gonçalves (UFRJ) e Erick da Silva Monteiro (UFRJ)¹

RESUMO

Resultados preliminares de pesquisa quantitativa sobre práticas de leitura em meio a outras práticas culturais dos estudantes de graduação da Universidade Federal Fluminense. Trata-se de pesquisa fundamentada em métodos estatísticos, resultante da compilação de dados extraídos de 2.075 formulários on-line preenchidos de 15 de setembro a 5 de novembro de 2017.

Práticas culturais – Práticas de leitura – Universidade – Biblioteca

¹ Joaci Pereira Furtado, professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (joacifurtado@id.uff.br). Kelly Cristina Mota Gonçalves, professora do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (kelly@dme.ufrj.br). Erick da Silva Monteiro, graduando do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ericksmonteiro@hotmail.com). Agradecemos a Mariana de Amorim Donin, graduanda do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que colaborou na primeira etapa do processamento dos dados coletados. O projeto desta pesquisa foi aprovado pela FAPERJ.

Não leio para fugir, porque não é possível fugir. Vou fazer uma frase de escritor: eu leio para aprender a minha liberdade.

Matoub, 24, estudante de letras, em depoimento a Michèle Petit

I – O PROBLEMA

A referência que inspira este artigo é o célebre ensaio de Roland Barthes, “A morte do autor”, publicado em 1968 e reunido no livro *O rumor da língua* (1998), atestando esse óbito com uma sentença que aniquila a crença romântica: “é a linguagem que fala, não é o autor”. Mas, se no texto do semiólogo francês o título é uma afirmação, aqui ele é uma dúvida: com a disseminação dos computadores portáteis, dos celulares e do acesso à internet, sobretudo nestas primeiras décadas do século XXI, estaríamos diante da morte do leitor? De imediato, é fácil responder que não: nunca se leu e se escreveu tanto como agora. “Vivemos em um mundo submerso e infuso na palavra escrita”, diz Steven Roger Fischer (2006, p. 291). O mesmo autor sugere que, mais que submersos, talvez estejamos “afogados numa maré de informações” (FISCHER, 2006, p. 281), o que desloca o foco da questão do “quanto” para “o quê” se lê: “Embora o conhecimento de um milênio esteja a um clique de distância, poucos, ao que tudo indica, aproveitam esse maravilhoso conforto com diligência” (FISCHER, 2006, p. 281-282). O que, com um humor rascante, Jaron Lanier traduz em termos bem mais pessimistas: “No final do caminho da busca da sofisticação tecnológica parece haver um salão de jogos onde a humanidade recua até o jardim da infância” (LANIER apud RENDUELES, 2016, p. 80). Esse deslocamento, porém, é insuficiente se nos atentamos apenas para a discrepante relação entre o desconcomunal volume de informação disponível virtualmente e a restrita demanda por ele, a despeito da permanência on-line cada vez mais dilatada dos usuários da rede.² Assim como a passagem do rolo de papiro para o códice de papel ou pergaminho e deste para o impresso provocou mudanças nas práticas de leitura, o mesmo ocorre em relação às mídias digitais, esse – como escreve João Adolfo Hansen em *O que é um livro?* – “território descoberto há pouco que está sendo velozmente invadido e colonizado por redes cada vez mais densas e entrelaçadas de informação” (HANSEN, 2013, p. 19). Assim, não basta saber “o quê” se lê, uma vez que as “novas mídias certamente poderão garantir a invenção de novas formas literárias que incorporem o meio material de

² Sobre a “disponibilidade infinita”, ver GUMBRECHT, 2015, p. 113-129.

transmissão digital na percepção das significações e do sentido dos textos” (HANSEN, 2013, p. 19-20). Porque elas “fazem com que as coisas que até ontem só tinham valor de uso, como um poema grego antigo ou um tratado de retórica do século XVII, passem a também ter valor de troca” – isto é, elas

[...] desierarquizam o valor estético dos textos e produzem um público espantosamente maior, incontável, ao mesmo tempo anônimo, disperso e fragmentado, que agora pode ter acesso a milhões de textos digitalizados e, quem sabe, lê-los. Mas como são lidos? E o que se faz com eles? (HANSEN, 2013, p. 22, grifo nosso)

Se assim for, cabe reformular a pergunta inicial: estamos diante da morte do leitor ou de um leitor? Neste ainda tenro século XXI, ler é algo que simplesmente está morto ou somos simultaneamente testemunhas do óbito e coveiros de determinada prática de leitura, hegemônica desde meados do século XIX – mas que principia no anterior –, caracterizada ou ao menos idealizada como a interpretação centrada, vertical, individual, solitária, laicizada, silenciosa e íntima de caracteres impressos em folhas de papel (CHARTIER, 2011, p. 86)? De novo, a resposta parece ser positiva, como indica o excerto de Hansen. Mas não é simples. O senso comum, talvez dominado pela velha concepção que sacraliza o livro e o ato de ler (CHARTIER, 2011, p. 86), tende a perceber a difusão da leitura e da escrita por meios digitais – sobretudo pelas redes sociais ou aplicativos de comunicação instantânea – como a banalização empobrecedora dessas duas técnicas, censurando a má qualidade dos textos que circulam pela rede e a contaminação da boa escrita – em geral, entendida como gramaticalmente correta – por erros crassos de ortografia e concordância, gírias grosseiras, abreviaturas preguiçosamente insólitas e pauperismo vocabular (reforçado pelo recurso abusivo aos *emojis* e *emoticons*). Para ficarmos apenas no uso escrito da língua portuguesa no Brasil, pesquisa recente que acompanhou a influência pedagógica da internet num povoado de baixo IDH do interior da Bahia, inclusive suplementando ou mesmo substituindo o papel da escola, indica o efeito oposto:

Esse contexto – de ter a pressão de escrever corretamente para ser respeitado nas mídias sociais – levou os locais a adotarem todas as possíveis soluções tecnológicas a seu alcance para melhorarem sua escrita. Alguns têm aplicativos de correção de ortografia em seus telefones e computadores e sempre fazem uso deles. Outros com telefones menos sofisticados ou aqueles menos capacitados tecnicamente procuram no Google a palavra para ver se a ferramenta de completar automaticamente aponta para uma grafia diferente. (SPYER, 2018, p. 212)

O que apresentamos aqui são os primeiros resultados da tentativa de responder cientificamente tanto à pergunta-título deste artigo quanto à que abre o parágrafo anterior. É claro que não temos a pretensão de generalizar nossas conclusões, já que, em relação ao conjunto dos leitores brasileiros, elas se restringem a um pequeno – mas influente – grupo: os estudantes de graduação

da Universidade Federal Fluminense. Se aquele modelo de leitor há pouco esboçado está em franco declínio, enquanto emergem novas práticas de leitura, parece-nos apropriado verificar empiricamente a presença do ato de ler entre os alunos de uma das maiores universidades públicas brasileiras, compreendendo o fenômeno em sua interação com outros aspectos da vida intelectual e social dos universitários. Mais adiante explicitaremos nossa metodologia. Agora é necessário esclarecer as razões de não nos atermos exclusivamente ao que diz respeito ao consumo de livros, jornais ou revistas – impressos e digitais – e ao tempo dedicado à internet.

Ora, se a leitura “não é uma atividade isolada: ela encontra – ou deixa de encontrar – o seu lugar em um conjunto de atividades dotadas de sentido” (PETIT, 2013, p. 104), é indispensável percebê-la na interação com as condições que a propiciam ou a inibem. É certo, contudo, que os fatores de ordem subjetiva são preponderantes, pois, como ensina Michèle Petit (2013, p. 111), “as resistências em relação à leitura são proporcionais ao que ela põe em jogo: o modo como um indivíduo se vincula a um grupo, a uma sociedade”. A forma ou a natureza desse vínculo não pode ser mensurada estatisticamente, mas há condicionantes objetivos – a começar pela renda familiar e a escolaridade dos pais – que configuram esse conjunto onde as práticas de leitura podem – ou não – ter algum significado. Além disso, na convivência com a virtualidade, é preciso verificar como é dividido o tempo entre os textos impressos e os digitais – e, no caso destes, em que meio eles são acessados. Este não é um aspecto trivial, já que, como lembrado por Hansen, os suportes influenciam e até mesmo determinam – ou tentam determinar – a leitura (ver também CHARTIER, 2011, p. 98-100). Assim, em nossa pesquisa, partimos, com base numa amostra, para o mapeamento estatístico de fatores socioeconômicos e comportamentais que configuram a ambiência da leitura entre os estudantes da UFF no contexto dessas mudanças: cor, gênero, orientação sexual, estado civil, filhos, residência, trabalho, estágio, renda familiar, escolaridade dos pais, religião, frequência a equipamentos culturais, prática de esportes, colecionismo, artesanato, instrumento musical que toca, permanência diária na internet, filiação a redes sociais, uso de notebooks e celulares, graduação e período em curso. A partir dos resultados obtidos, medimos a intensidade desses fatores na determinação dos comportamentos frente à leitura – trabalho em andamento, já que as possibilidades de cruzamentos são quase infinitas. O que apresentaremos adiante é uma análise exploratória preliminar desses dados, centrados nas balizas socioeconômicas e culturais mais amplas. Antes, gostaríamos de explicitar nossa metodologia.

II – O MÉTODO

A primeira etapa da pesquisa foi levantar o número exato de alunos regularmente matriculados nos 131 cursos de graduação em todos os *campi* da Universidade Federal Fluminense no estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis, Campos dos Goytazes, Macaé, Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis, Rio das Ostras, Santo Antônio de Pádua e Volta Redonda), o que exclui o campus avançado de Oriximiná (PA), que inclusive não sedia curso regular de graduação. Embora o projeto tenha sido concebido em 2015, somente em 2017 pudemos dar início ao levantamento, que nos revelou o total de 43.623 matriculados em duas modalidades de graduação: presencial (33.320) e ensino a distância (10.303). São números consolidados para o segundo semestre de 2017, conforme relatório fornecido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação.³

Como a realização de um censo seria inviável neste caso, a segunda etapa consistiu da definição de um planejamento amostral, com a finalidade de seleção de uma amostra representativa de estudantes, parte essencial para obtenção de resultados adequados. Neste caso, acredita-se *a priori* que a variável de interesse “práticas de leitura de graduandos” seja razoavelmente heterogênea para essa população, variando principalmente de acordo com a área de estudo do aluno. Portanto, a fim de garantir resultados mais precisos, é razoável incorporar esta informação na elaboração do planejamento amostral.

De acordo com a classificação do CNPq, estas áreas seriam: (i) Artes, Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas; (ii) Ciências Exatas e da Terra; (iii) Ciências Biológicas e da Saúde. Neste caso, a variável auxiliar estratificadora (área) é conhecida para todas as unidades da população, permitindo assim a confecção de um planejamento amostral por estratos. Portanto, os estratos são definidos da seguinte forma:

- (1) matriculados em Artes, Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas;
- (2) matriculados em Ciências Exatas e da Terra;
- (3) matriculados em Ciências Biológicas e da Saúde.

Considerando esta divisão de estratos, temos a seguinte disposição da população por estrato:

	1	2	3
Estrato			

³ Disponível em <http://www.uff.br/?q=uff-em-numeros-0>

Wh (peso em %) 56,9 27,2 15,9

O plano amostral estratificado consiste da divisão da população em grupos mais homogêneos com relação à variável de pesquisa (estratos) e em seguida uma amostra aleatória simples é selecionada de cada um desses grupos em proporções convenientes. A fim de garantir resultados mais precisos neste caso, iremos alocar tais amostras dentro de cada estrato utilizando a alocação ótima de Neyman.

Para determinar o tamanho de amostra devemos fixar antes do estudo qual o parâmetro populacional em que temos o maior interesse. Neste caso, vamos fixar que o maior interesse é estimar a proporção de alunos que leram algum tipo de livro nos últimos meses. Dessa maneira, o tamanho de amostra global (n) ótimo é dado pela seguinte forma:

$$n = \frac{\left\{ \sum_{h=1}^H W_h \sqrt{\frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)} \right\}^2}{\left(\frac{\epsilon}{z_{\alpha/2}} \right)^2 + N^{-1} \sum_{h=1}^H W_h \frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)},$$

em que H é o número de estratos na população, N_h é o tamanho do estrato h , $h=1, \dots, H$, N é o tamanho da população, $W_h = N_h/N$ é o peso do estrato h na população, P_h é a proporção populacional de alunos que leram algum tipo de livro nos últimos meses no estrato h , epsilon é a margem de erro, $1-\alpha$ é o nível de confiança do estudo, $z_{\alpha/2}$ é o quantil da distribuição normal padrão que deixa uma área de $\alpha/2$ à direita.

Para cada um destes tamanhos de amostra, a alocação por estratos n_h foi feita utilizando a alocação ótima de Neyman, dada por:

$$n_h = n \frac{W_h \sqrt{\frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)}}{\sum_{h=1}^H W_h \sqrt{\frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)}}, \quad h = 1, \dots, H.$$

Neste estudo, em particular, com $H=3$ estratos, vamos assumir que o nível de confiança do estudo é de 95%, o erro máximo tolerado é de aproximadamente 2% e, como não temos um estudo prévio, usaremos que a proporção de sucesso em cada estrato é de 50%, e dessa maneira também teremos o maior tamanho possível fixados o nível de confiança e a margem de erro. Portanto, tem-se que o tamanho da amostra a ser selecionada é $n=2038$, com a seguinte alocação por estrato:

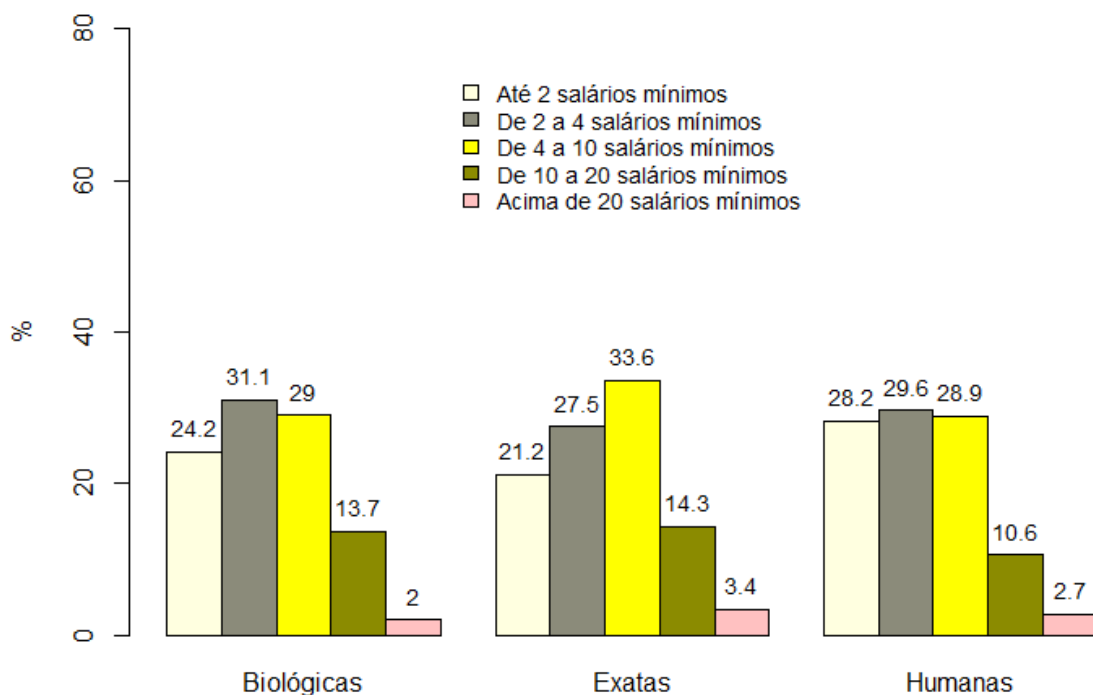
Estrato	1	2	3
nh	1159	554	325

Por outro lado, como não foi possível a obtenção de um cadastro de todos os estudantes da UFF, para realização de um sorteio de uma amostra probabilística com base no esquema previamente definido, a seleção desta amostra se deu por meio de um convite, enviado a todos os estudantes por correio eletrônico e com o apoio da Pró-reitoria de Graduação, a preencher extenso formulário eletrônico – objetivo e anônimo –, com 70 questões disponível via Google. A mensagem foi enviada por e-mail corporativo da UFF em 15 de setembro. A iniciativa, porém, resultou em baixa adesão, com apenas 792 formulários preenchidos quatro dias depois – número bastante aquém do mínimo estatisticamente necessário: 2.038. Respondendo ao nosso pedido de nova chamada, a Superintendência de Tecnologia da Informação nos esclareceu que a maioria dos graduandos não é alcançada por esse meio, recomendando que os procurássemos pelas redes sociais. Assim, decidimos nos inscrever em grupos no Facebook formados por alunos dos diversos cursos da universidade, convidando-os a acessar o formulário. O efeito das postagens foi imediato, mas regularmente refazíamos a postagem, pois as adesões caíam conforme passavam os dias – o que é próprio da acelerada dinâmica dessas redes. O link permaneceu ativo até 5 de novembro de 2017, quando atingimos 2.103 formulários preenchidos. Em seguida, empregamos o processo de pós-estratificação da amostra em cada estrato pré-definido. A pós-estratificação resultou em nh próximos aos pré-estabelecidos e satisfatórios.

A terceira etapa foi processar as informações recolhidas, começando por expurgar autodeclarados pós-graduandos e recém-graduandos do total de entrevistados, o que reduziu o número para 2.075 (ou 4,75% do total de) estudantes da UFF, divididos conforme as três grandes áreas do conhecimento definidas pelo CNPq: Artes, Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas (genericamente chamada de *Humanas*); Ciências Exatas e da Terra (*Exatas*); e Ciências Biológicas e da Saúde (*Biológicas*). Apresentamos parte dos resultados a seguir.

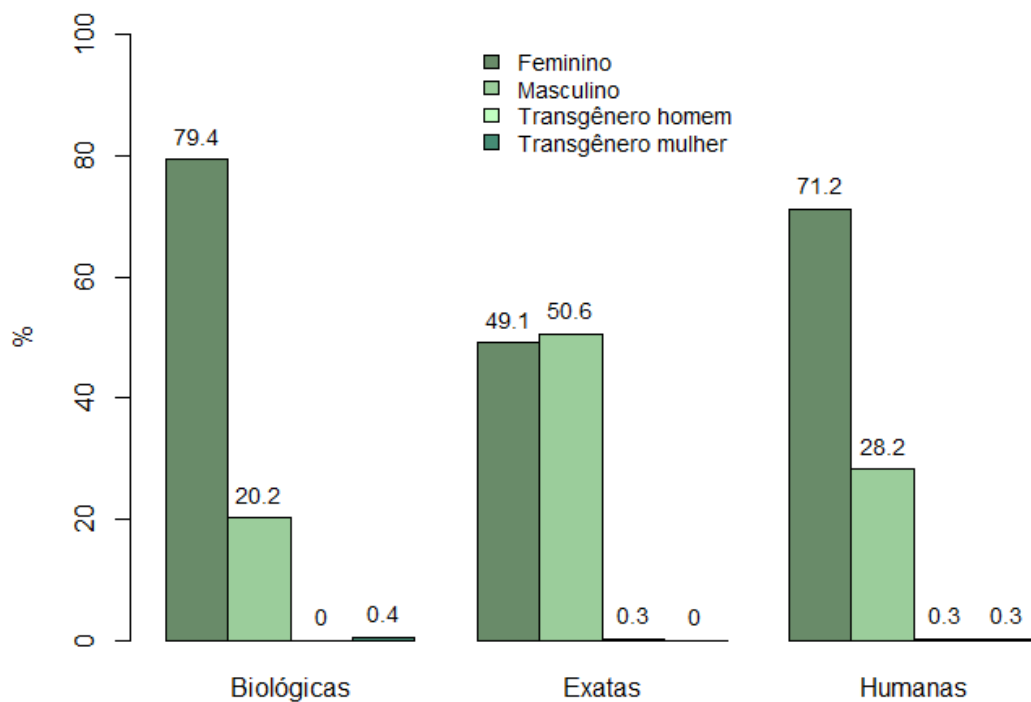
III – RESULTADOS PRELIMINARES

Gráfico 1 *Área x Renda familiar*



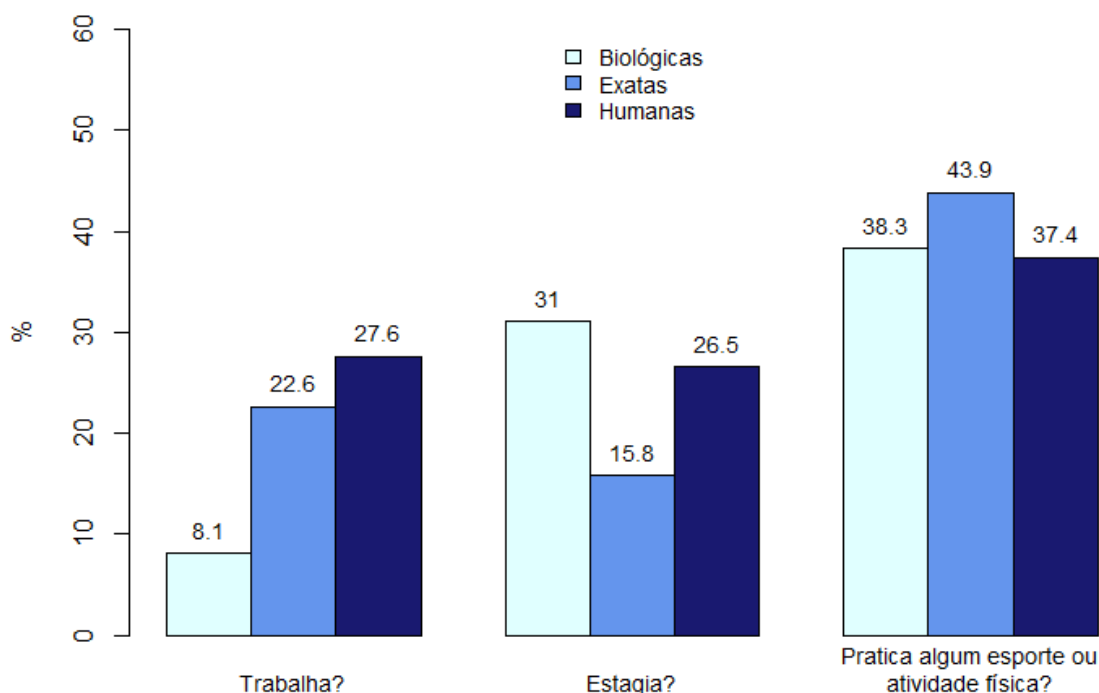
Lembrando que o valor do salário mínimo em 2017 era de R\$ 937,00, em *Humanas* temos o maior equilíbrio entre as três primeiras categorias, mas também a maior proporção de estudantes com renda familiar mensal de até R\$ 1.874,00 – 28,2%; em *Exatas*, com índice de 33,6%, destaca-se a frequência relativa de quatro a dez salários mínimos frente às demais faixas de renda. Em *Biológicas*, com pouco mais de 31,1%, sobressai o grupo de alunos com renda de dois a quatro salários, seguido de perto pelo da faixa superior seguinte, de quatro a dez salários mínimos. Poucas pessoas declararam renda familiar superior a vinte salários mínimos, mas, entre as áreas, nessa faixa de poder aquisitivo, com 3,4%, os estudantes das *Exatas* indicam discreta vantagem. A soma dos contingentes com maior índice, isto é, dos estudantes egressos de famílias com renda mensal de dois a dez salários mínimos, evidencia que, do ponto de vista estritamente do poder aquisitivo, a maioria absoluta da população estudantil da Universidade Federal Fluminense situa-se nessa faixa.

Gráfico 2 Área x Gênero



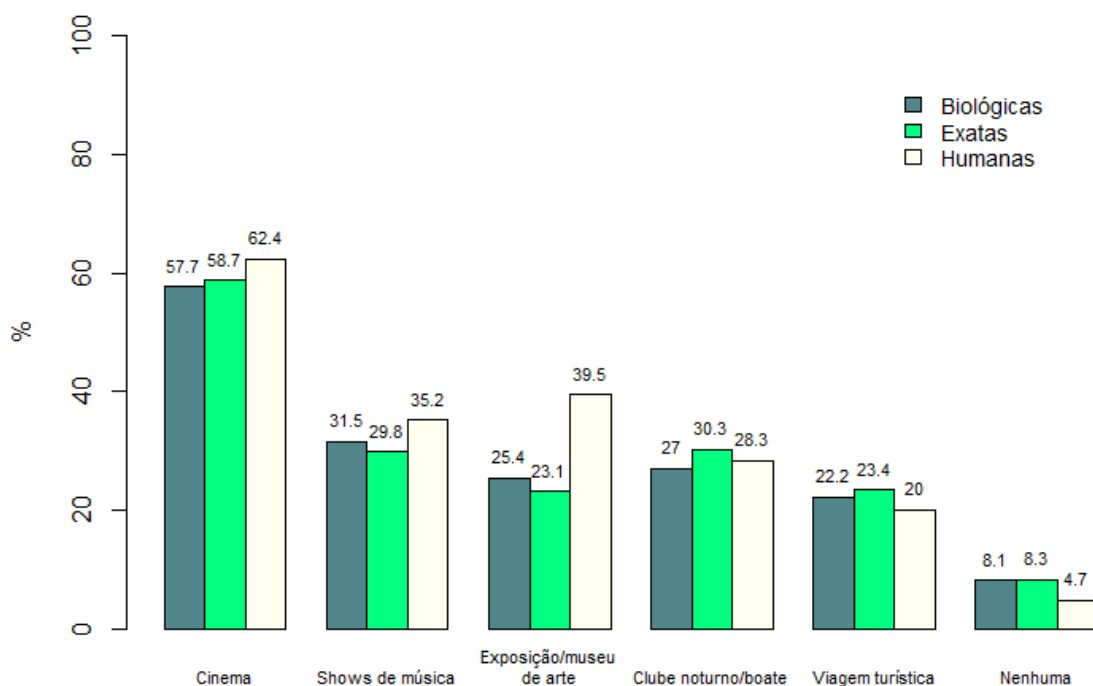
O equilíbrio em *Exatas* quanto ao gênero, com discretíssima vantagem para o masculino, não se repete nas outras duas áreas: em *Humanas* (71,2%) e sobretudo *Biológicas* (onde elas são 79,4%) predomina o feminino. Cabe salientar aqui a baixa presença de autodeclarados “transgêneros” (9 pessoas, no total), o que justifica as barras no gráfico acima. Por meio dessa amostra fica evidente que a população universitária da UFF é, no seu conjunto, majoritariamente feminina.

Gráfico 3 Área x “Trabalha?”, Área x “Estagia?”, Área x “Pratica algum esporte ou atividade física ao menos duas vezes por semana?”



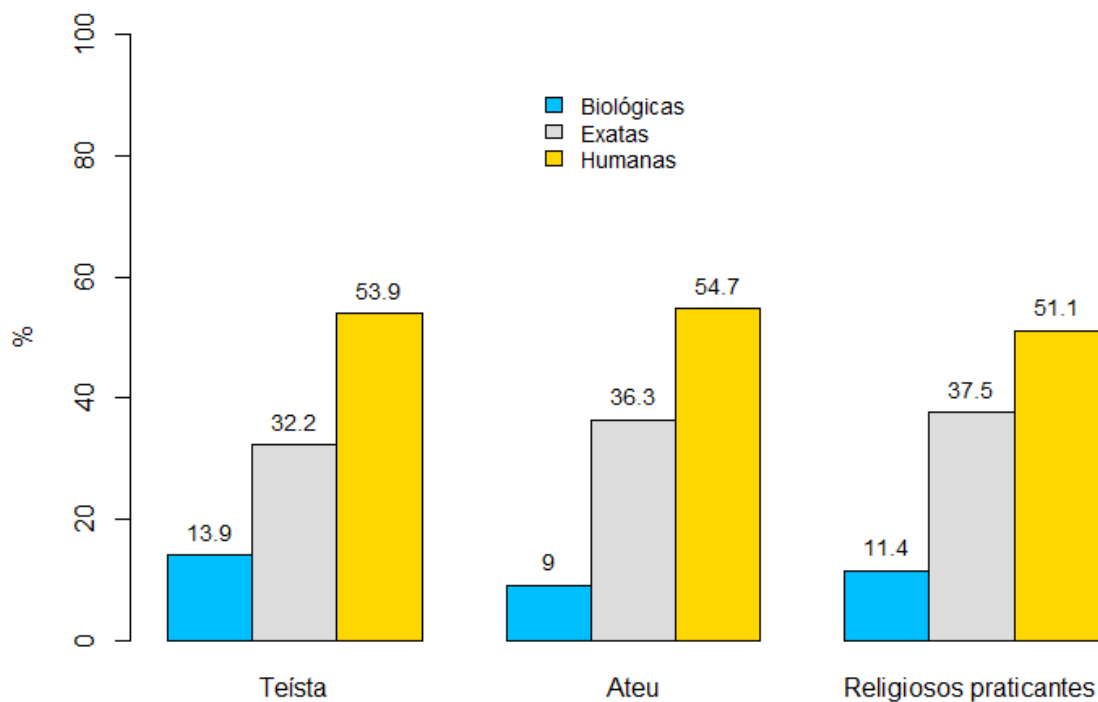
Percebemos aqui que, entre estudantes de *Biológicas*, o estágio é mais frequente que o trabalho, ao passo que ocorre o contrário em *Exatas*. Em *Humanas* há um equilíbrio entre essas duas variáveis. A respeito da prática de esporte ou atividade física ao menos duas vezes por semana, em *Exatas* quase metade da amostra responde “sim”. Mas note-se que em nenhuma das três áreas esse percentual alcançou 50%. Em outros termos, pouco mais da metade dos entrevistados é sedentária. Vale ressaltar que algumas pessoas responderam positivamente às perguntas “Trabalha?” e “Estagia?”: pode ser que tenhamos alunos nessas duas situações, isto é, trabalhando e estagiando ao mesmo tempo, mas é possível também que a pessoa considere o estágio um trabalho. Seja como for, *Humanas* possui o maior contingente de estudantes que trabalham (27,6%), enquanto os estagiários são 31% dos alunos de *Biológicas* (os que dizem trabalhar não chegam a 9%). Ainda em *Humanas*, outros 26,5% afirmam que estagiam – o que, somado ao contingente anterior de 27,6%, resulta em 54,1% de estudantes dessa área ocupados com trabalho ou estágio.

Gráfico 4 Área x Atividades culturais mais frequentes



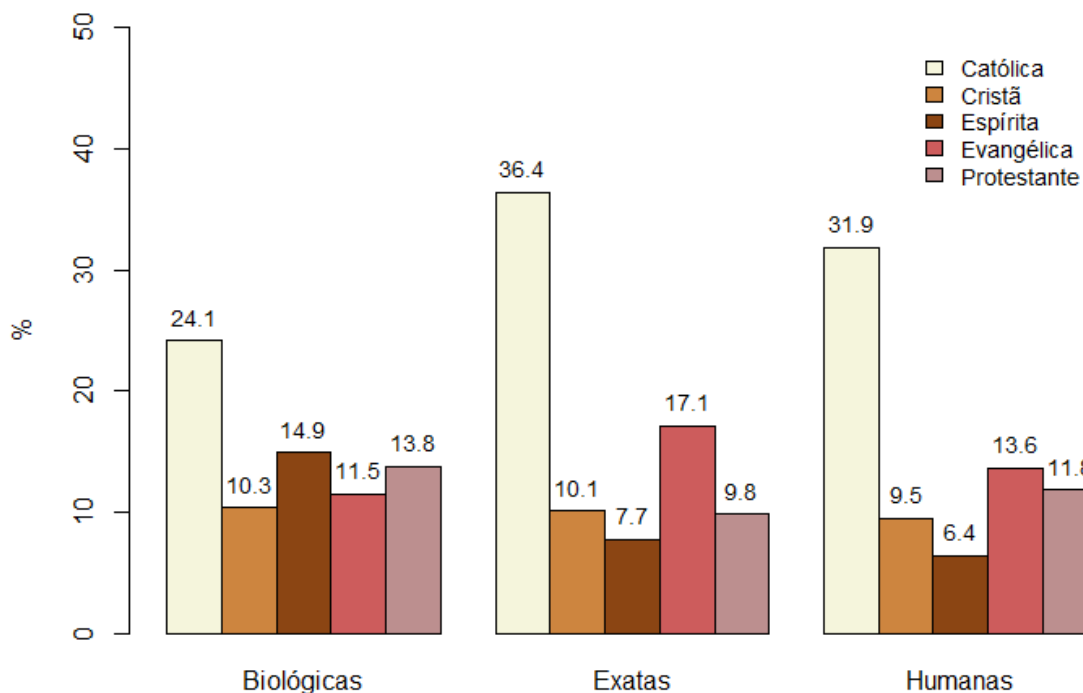
Considerando as três áreas, a principal atividade cultural, numa questão que permitia assinalar mais de uma alternativa, foi *Cinema*: mais da metade do total dos alunos que responderam ao questionário disse ter ido ao cinema nos últimos 30 dias. Em *Humanas* esse índice chega a 62,4%. Nas categorias *Shows de música*, *Clube noturno/boate* e *Viagem turística* temos números bem parecidos entre os três segmentos. Os que responderam *Nenhuma*, em cada área, não chegam aos 9%, mas nesta categoria a maior proporção é de estudantes de *Exatas* (8,1%) e *Biológicas* (8,3%). O índice de estudantes com esse comportamento em *Humanas* foi pouco mais que a metade em relação às outras duas áreas. Esses mesmos alunos têm expressiva vantagem em *Exposição/museu de arte* e discreto primeiro lugar em *Cinema* e *Shows de música*. Em *Clube noturno/boate* e *Viagem turística* há leve vantagem das *Exatas*. Vale destacar aqui também a variedade de respostas espontâneas. Assim, aparecem situações que podem comprometer a análise – como, por exemplo, *Danceteria*, resposta muito próxima de *Clube noturno/boate*.

Gráfico 5 Área X “Pratica alguma religião?”



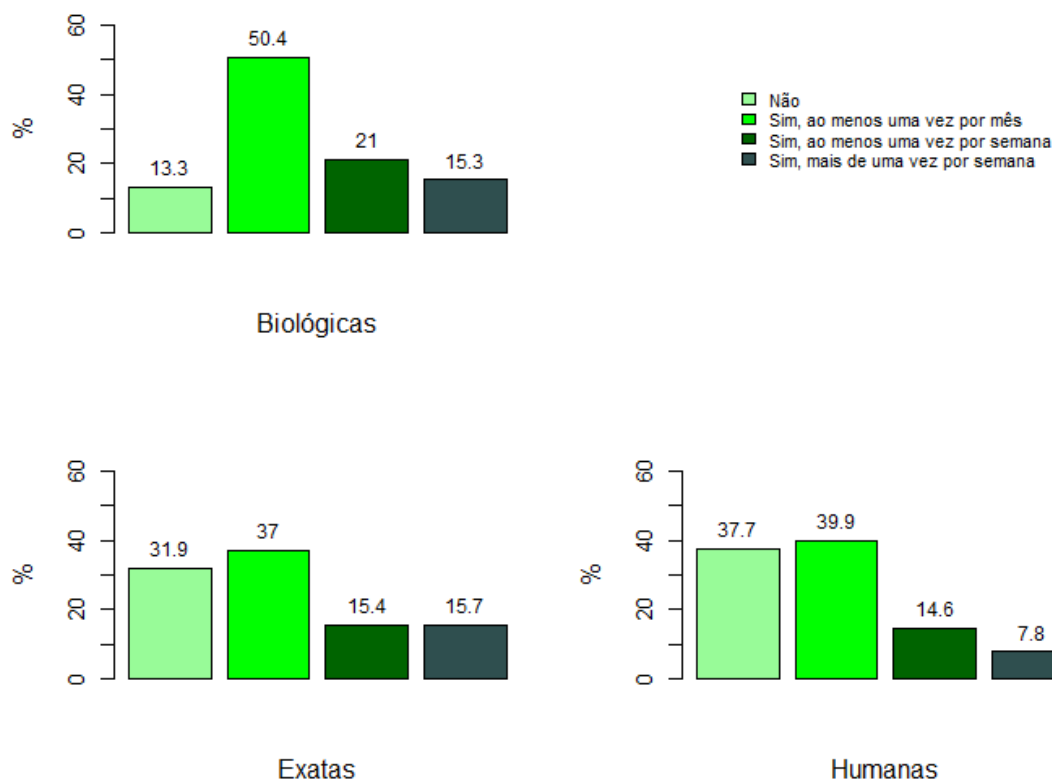
Do total de entrevistados, 21,2% se declararam ateus e 41,8% assinalaram a resposta “Não pratico nenhuma religião, mas creio em Deus ou num deus” – contingente que denominamos “teístas”, aqui entendidos como os que creem em um ou mais entes metafísicos, mas sem a sistematicidade de cultos, templos, ritos, liturgias, sacerdotes, preceitos, dogmas, moral ou teologias. Há certa equanimidade na distribuição das formas de relação com a religião entre as três áreas, com proporções similares entre teístas, ateus e religiosos praticantes. Nota-se, contudo, percentual mais discreto de ateus entre estudantes de *Biológicas* (9%), enquanto em *Humanas* esse índice é de 54,7% e de 36,3% em *Exatas*.

Gráfico 6 Áreas X Religiões mais frequentes



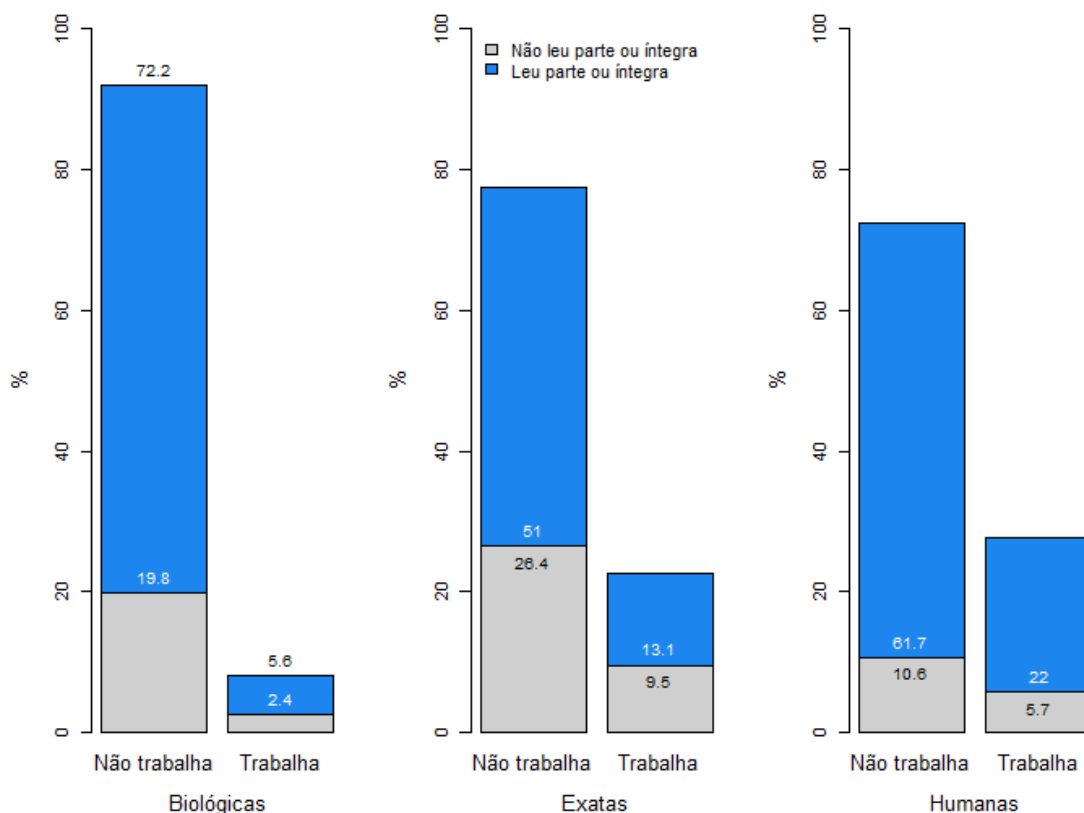
Entre a minoria que afirma praticar alguma religião (37% do total), o catolicismo é a mais declarada nos três grupos, mas em nenhum deles essa fé alcança os 40% – ecoando tendência de declínio da religião católica como confissão predominante no Brasil. Cristãos apresentam índices semelhantes nas três áreas. Aqui é preciso matizar, porque a resposta permitia, além das opções fixas trazidas para o gráfico, que o aluno escrevesse qualquer uma. Além disso, “cristão” é um termo ambíguo, pois em seu uso corrente pode significar tanto católico quanto protestante ou evangélico, ainda que este último grupo empregue o termo com mais frequência. De modo que se somarmos as opções *Evangélica*, *Protestante* e *Cristã* teremos um grupo maior, proporcionalmente mais próximo daquele contingente que se diz adepto do catolicismo. É notável, por outro lado, a presença de espíritas (termo também ambíguo, pois pode ser usado como eufemismo para umbanda) entre os estudantes da área de *Biológicas* (14,9%) e de evangélicos entre estudantes das *Exatas* (17,1%), área com a maior concentração também de católicos: 36,4%.

Gráfico 7 Área x “Você frequenta as bibliotecas da UFF?”



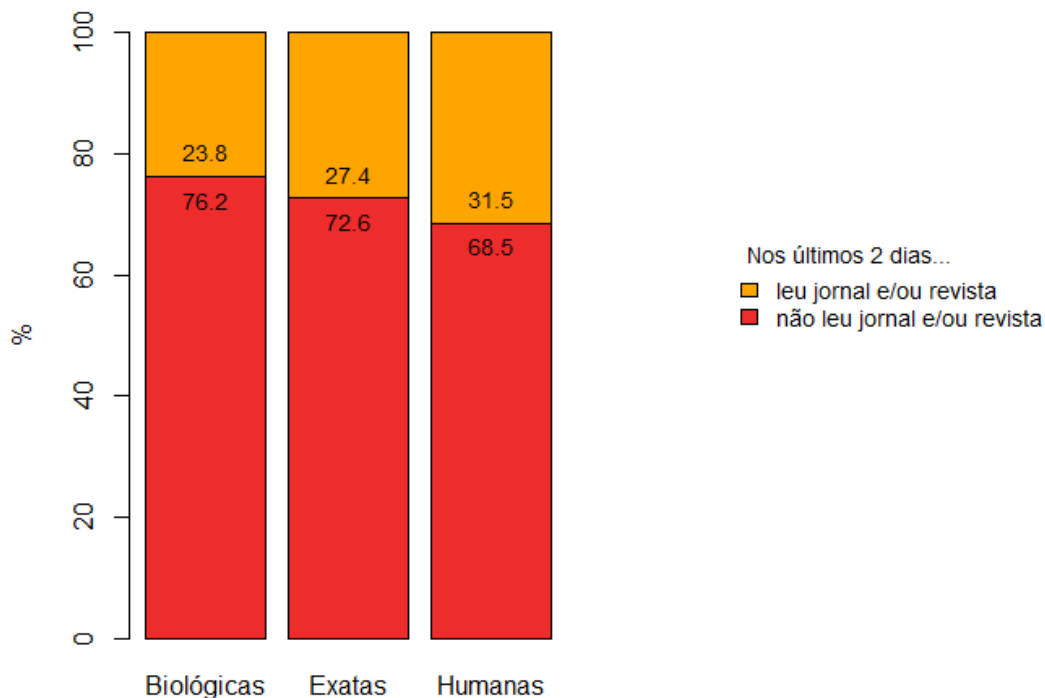
Percebemos, neste particular, comportamento discrepante entre os três grupos: para os estudantes de *Exatas* e *Humanas*, o percentual dos que não frequentam regularmente as bibliotecas da universidade quase alcançou o triplo dos de *Biológicas* – e naqueles dois primeiros grupos tivemos o maior índice de pessoas que as frequentam ao menos uma vez por mês: 37% em *Exatas* e 50,4% em *Biológicas*. Ainda em *Exatas*, as duas últimas categorias (*Sim, ao menos uma vez por semana*, com 15,4%, e *Sim, mais de uma vez por semana*, com 15,7%) apresentaram incidências quase idênticas. Em *Humanas*, entretanto, além do já citado alto número de respostas negativas (37,7%), é bastante modesto o percentual de alunos que vão às bibliotecas da UFF mais de uma vez por semana: cerca de 7,8%. Este índice é o dobro em *Exatas* (15,7%) e *Biológicas* (15,3%). Isto é, são destas duas áreas os frequentadores mais assíduos das bibliotecas da Universidade Federal Fluminense.

Gráfico 8 Área x “Trabalha?” x “Você leu parte ou a íntegra de um ou mais livros das bibliografias das disciplinas do seu curso nos últimos 30 dias?”



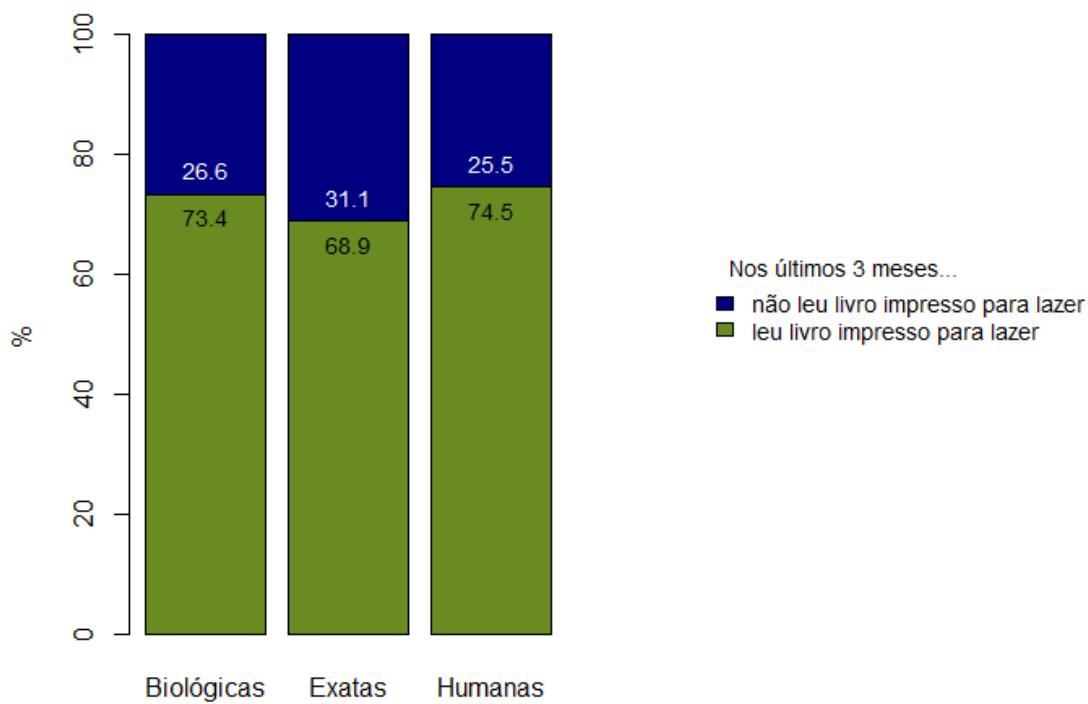
Cruzando leitura e trabalho, verificamos que a área de *Biológicas*, dentre as três analisadas, tem o menor número de pessoas que se declaram empregadas: 8%. Entre os que não trabalham, 19,8% afirmam que não leram a bibliografia do curso nos últimos trinta dias. O índice dos que não leram aumenta para 26,4% em *Exatas* (o maior das três) e revela, entre as três áreas, a maior proporção de discentes que não dedicaram tempo à bibliografia do curso entre os que não trabalham (77,4%). Em *Humanas*, o fator trabalho não parece ser determinante no desestímulo à leitura acadêmica: nas duas categorias, os não leitores são 10,6% entre os que não trabalham e 5,7% entre os que trabalham.

Gráfico 9 Área x “Você leu algum jornal e/ou revista impresso não acadêmico nos últimos dois dias?”



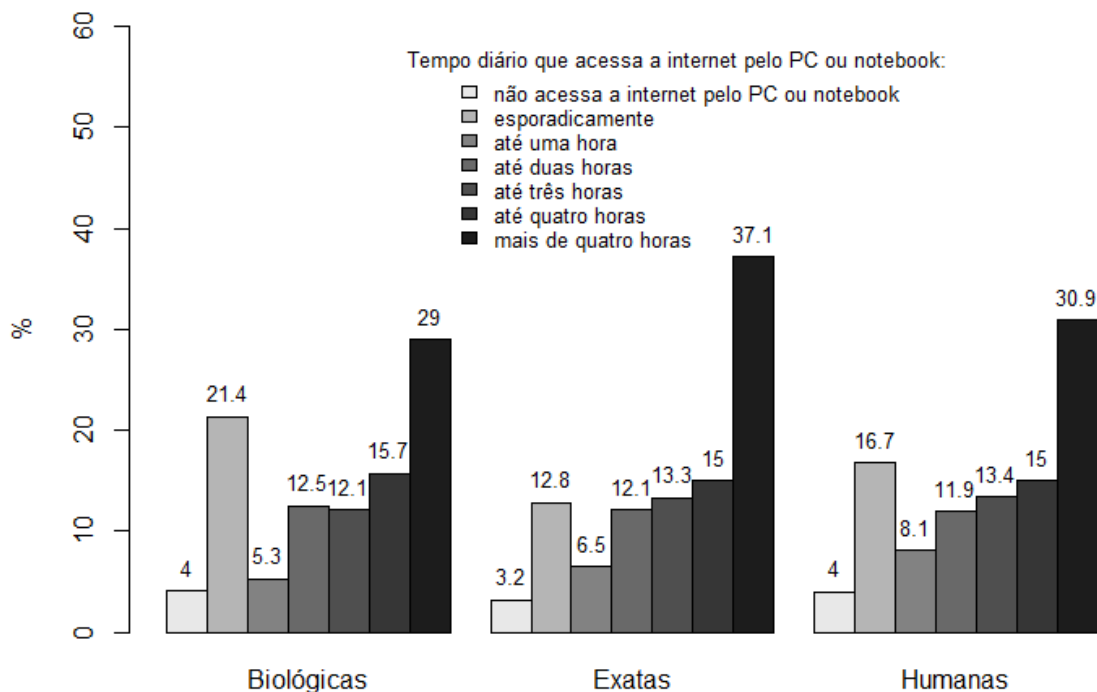
Aparentemente não temos diferenças significativas aqui, mas nessa amostra vemos um número maior de leitores de revistas e/ou jornais impressos nos últimos dois dias em *Humanas* (cerca de 31,5%), seguido dos percentuais verificados em *Exatas* (27,4%) e *Biológicas* (em torno de 23,8%). O resultado geral, entretanto, com índices a partir de 68,5%, constata a acentuada queda da prática de leitura de jornais e revistas impressos (em favor dos meios digitais de informação, como veremos).

Gráfico 10 Área x “Você leu um ou mais livros impressos não técnicos, que escolheu espontaneamente, para seu lazer ou diversão, nos últimos três meses?”



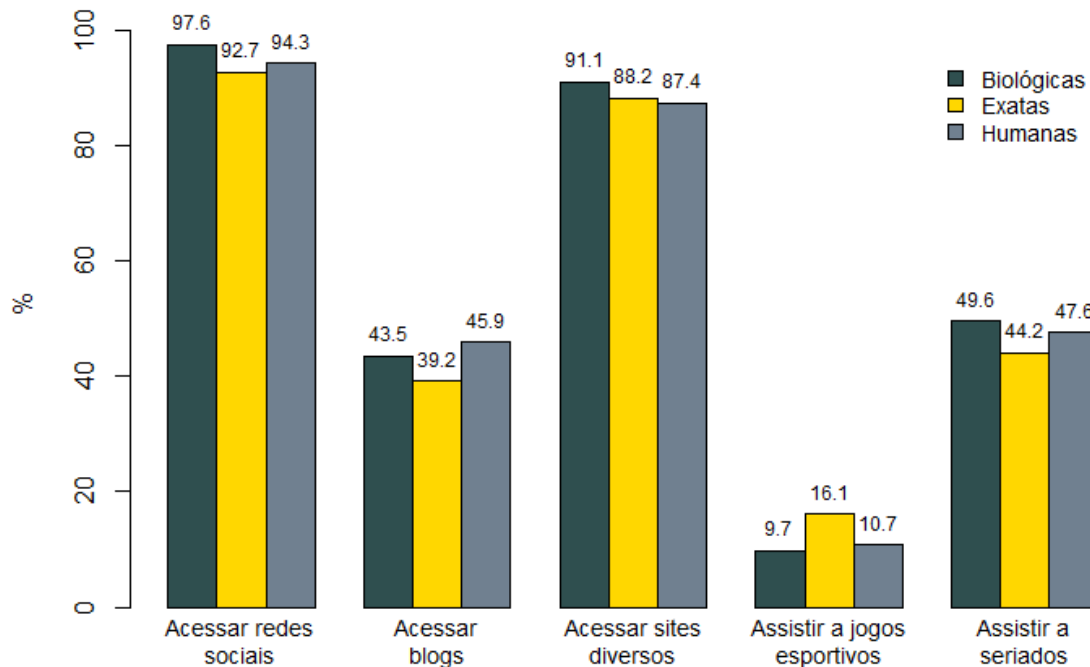
Comportamentos bem semelhantes entre os três grupos. Porém, em *Exatas*, com 68,9%, há, em relação às áreas de *Humanas* e *Biológicas*, proporção pouco menor de leitores espontâneos de livros impressos nos últimos três meses (em *Humanas* esse índice é de 74,5%, número bastante próximo ao de *Biológicas*, 73,4%). De qualquer modo, a maioria dos graduandos da UFF entrevistados para esta pesquisa declara ter dedicado seu tempo de lazer nesse período à leitura de pelo menos um livro impresso escolhido espontaneamente. A ênfase no “impresso” não é trivial, como veremos.

Gráfico 11 Área x “Quanto tempo, em média diária, você emprega diante do PC ou notebook, acessando a internet?”



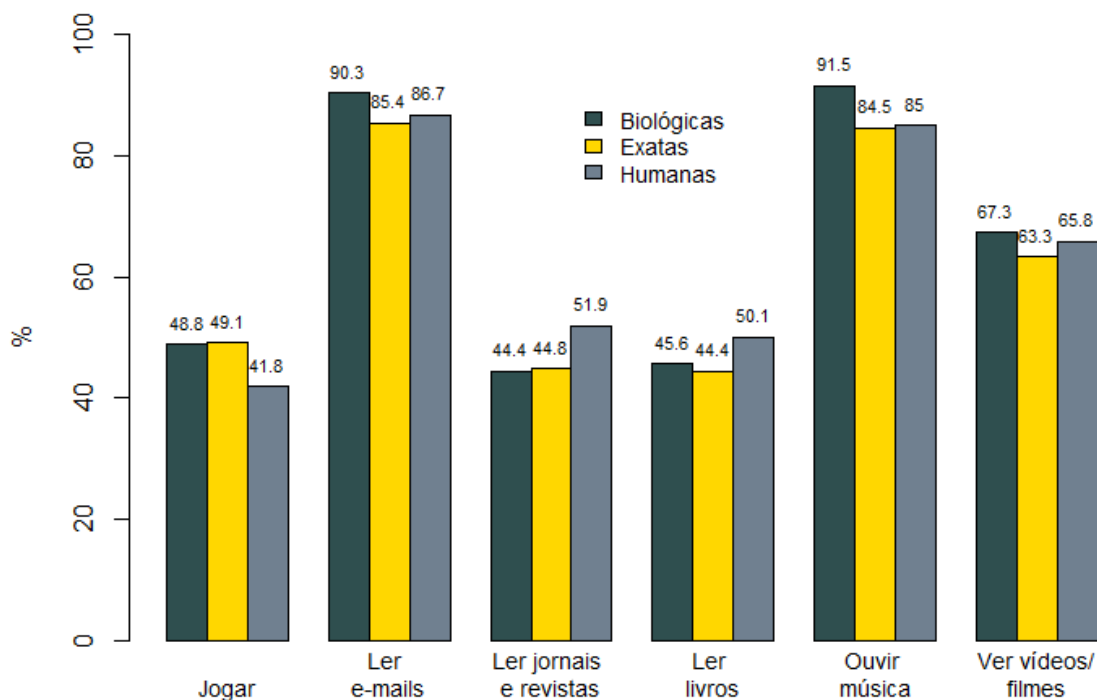
Há diferenças significativas no comportamento dos estudantes da UFF quando ao tempo que permanecem no PC ou notebook acessando a internet. Dos de *Exatas*, 37,1% dizem dedicar mais de quatro horas diárias à rede via esses suportes. A discrepância em relação ao segundo grupo, o dos que ficam até quatro horas, é notável: este é de 15% (ou seja, uma diferença de 22,1%). Semelhante contraste ocorre em *Humanas* e *Biológicas*, mas não na mesma proporção: nas duas áreas, os que dizem permanecer mais tempo conectados é de 30,9% e 29%, respectivamente, enquanto os que dedicam até quatro horas à rede são 15% (*Humanas*) e 15,7% (*Biológicas*). Em *Biológicas* destacam-se os que dizem acessar esporadicamente a internet via PC ou notebook: 21,4%. Note-se ainda a similaridade de comportamento entre estudantes de *Exatas* e *Humanas* – ressalvada a discrepância referida acima. Seja como for, nas três áreas, a maior parte dos alunos dedica ao menos uma hora diária à internet, acessando-a via PC ou notebook.

Gráfico 12-A Área x “Você usa o celular também para...”



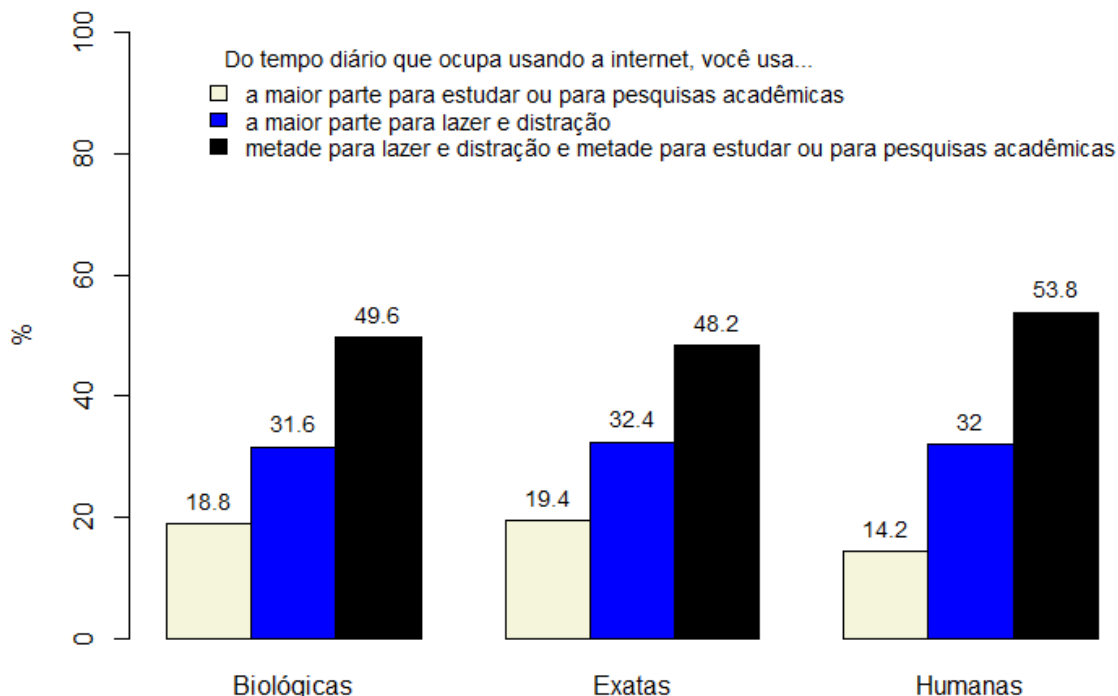
Nas respostas ao primeiro bloco de opções quanto ao uso do celular, em que o entrevistado podia assinalar mais de uma alternativa, as diferenças entre as três áreas são pequenas. Aproxima-se de 100% o índice dos estudantes que acessam as redes sociais pelo telefone portátil. Em seguida vem o acesso a sites variados, entre 87% e 91%. Depois, oscilando 44% a 49%, vem o uso do celular como tela para assistir a seriados. A quarta função mais votada, entre 39% e 45%, é o acesso a blogs. Por fim, entre 9% e 16%, num outro sucedâneo da televisão, está ver jogos esportivos. A multifuncionalidade dos celulares, e a progressiva melhora na conexão com a internet via *wi-fi*, certamente explica índices tão elevados.

Gráfico 12-B Área x “Você usa o celular também para...”



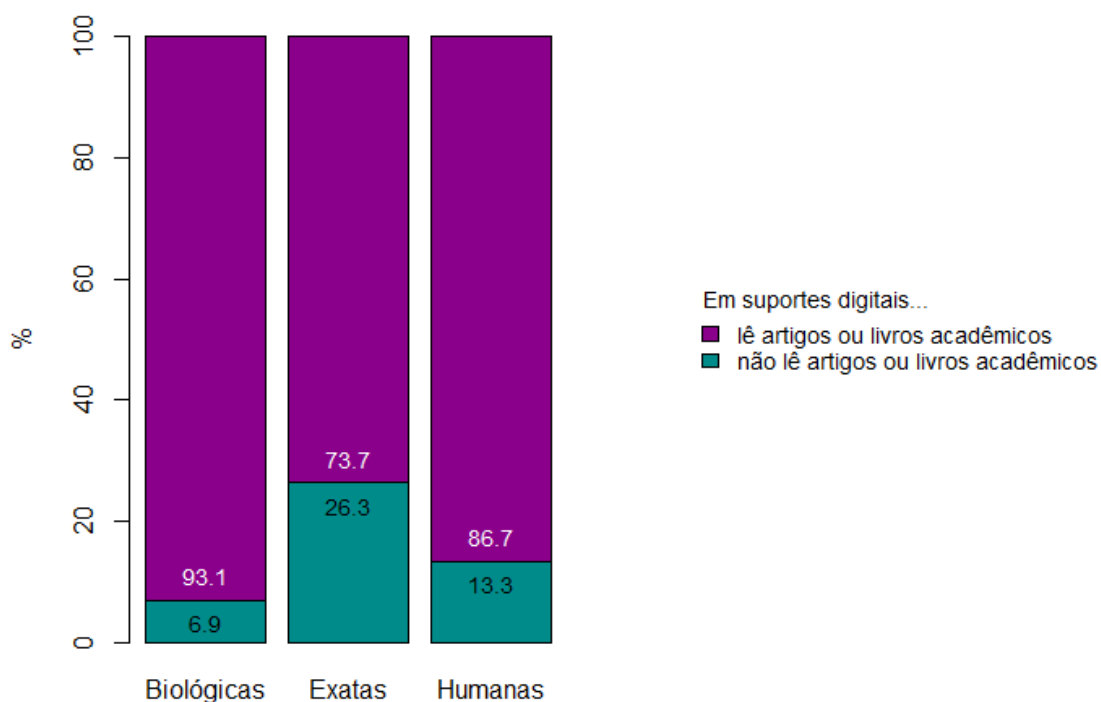
Neste segundo bloco, ouvir música e ler e-mails são as funções mais requisitadas: no uso do celular para essas duas funções, as três áreas oscilaram entre 84% e 91%. Em seguida, em índices de 63% a 67%, figura mais uma vez o uso da tela do celular como substituta da televisão: ver vídeos e/ou filmes. Na faixa dos 40% estão jogar, ler jornais e revistas e ler livros. No caso específico dessas leituras, a área de *Humanas* crava pouco mais de 50%, com as outras duas áreas logo abaixo disso. De novo, vê-se os celulares substituindo muitas das funções antes exclusivas de PCs e notebooks.

Gráfico 13 Área x “Do tempo diário que ocupa acessando a internet, seja a partir de que suporte for, você usa...”



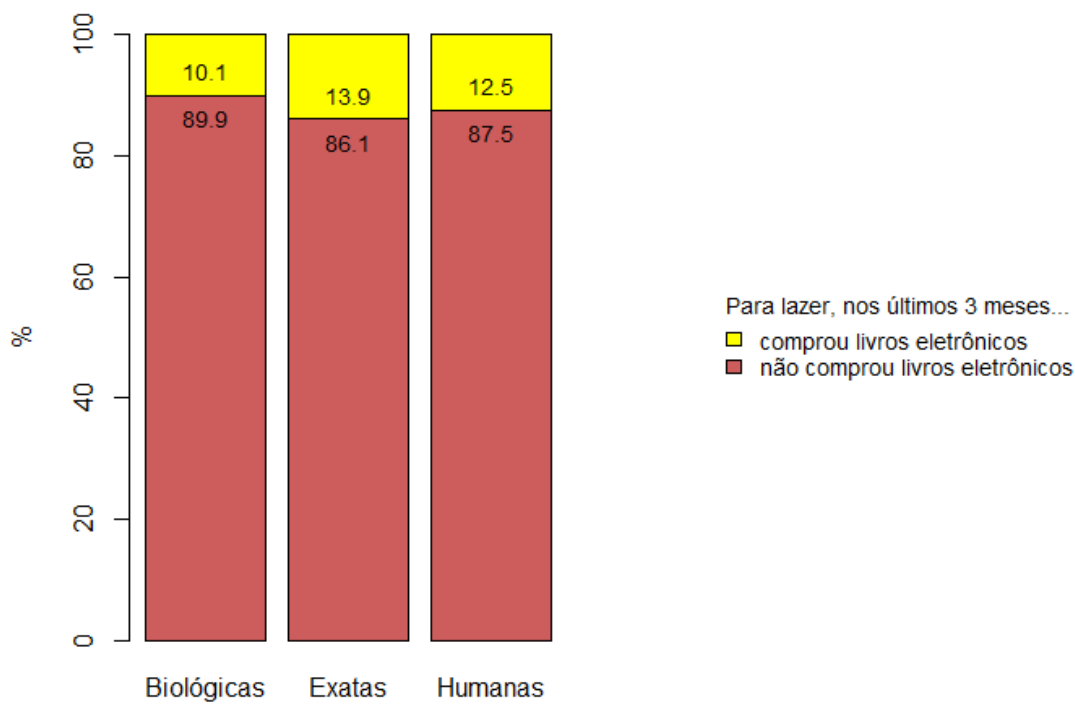
Aqui não há diferença significativa entre os três grupos. A discrepância mais notável, ainda que mínima, é o menor percentual (14,2%) de estudantes de *Humanas* que ocupa a maior parte do tempo na internet para estudar ou para realizar pesquisas acadêmicas (em *Exatas* e *Biológicas* esse índice é de 19,4% e 18,8%, respectivamente), enquanto esse mesmo segmento apresenta leve vantagem na proporção dos que dizem gastar metade do tempo para lazer e distração e a outra metade para estudar ou pesquisar com fins acadêmicos. Mas essas pequenas diferenças não invalidam a percepção geral de que, quanto à administração do tempo ocupado com a navegação na internet, os comportamentos dos estudantes das três áreas são bastante similares, com cerca de 50% dos entrevistados dizendo que dividem em partes iguais o tempo para o lazer e para o estudo. No conjunto dos estudantes entrevistados, esse tempo, diariamente, é de mais de quatro horas para 33,2%, de até quatro horas para 15,1%, de até três horas para 13,1%, de até duas horas para 12,2% e de até uma hora para 7%; 15,7% dizem acessar a internet esporadicamente e 3,7% dizem que não a acessam. Em outros termos, 80,6% dos graduandos da UFF entrevistados para esta pesquisa permanecem pelo menos uma hora por dia navegando na internet, independentemente do meio de acesso.

Gráfico 14 Área x “Você lê artigos ou livros acadêmicos em suportes digitais?”



Dos entrevistados de *Biológicas*, 93,1% responderam que leem artigos ou livros acadêmicos em suportes digitais; esse número cai quando olhamos para *Humanas* (86,7%) e diminui mais ainda quando consideramos os estudantes de *Exatas* (73,7%). O que não reduz o impacto da principal constatação: a grande maioria dos alunos, nas três áreas, prefere ler artigos ou livros acadêmicos em suportes digitais.

Gráfico 15 Área x “Comrou um ou mais livros eletrônicos (e-book) para lazer, como leitura espontânea, fora das exigências acadêmicas, nos últimos três meses?”



Comportamento quase idêntico nas três áreas, mas vale destacar um detalhe: *Exatas*, que apresentou o menor índice entre os que preferem ler artigos e livros acadêmicos em suportes digitais, aqui tem o maior índice de compra de livros eletrônicos para a leitura espontânea: 13,9%. A constatação principal, contudo, não deve ser ofuscada: ao menos entre os graduandos da UFF entrevistados por esta pesquisa, e até o momento da resposta à enquete, o *e-book* é um fracasso como produto da indústria editorial do livro, pois nas três áreas o percentual dos que não adquiriram livro eletrônico nos últimos três meses nunca fica abaixo de 86%. É preciso sublinhar, todavia, que a pergunta diz “compra” – e não “leitura”. Ou seja, ao declarar que não comprou, o estudante não diz necessariamente que não leu, já que a compra não é a única forma de acesso ao livro eletrônico.

Tabela 1 Área x “Você está inscrito em alguma rede social?”

	Biológicas	Exatas	Humanas	Total
Não	1	17	17	35
Sim	247	710	1083	2040
Total	248	727	1100	2075

Estudo realizado em junho de 2016 pela eMarketer, empresa norte-americana de consultoria em *e-commerce*, projetava para o Brasil 97,8 milhões de usuários de redes sociais em 2017 (ou 47,08% da população do país, que então era de 207,7 milhões, segundo o IBGE), o maior contingente da América Latina (ver tabela 2). Na presente pesquisa, vemos um índice muito baixo de não usuários de redes sociais nas três áreas. Ou seja, o percentual de inscritos em redes, entre esses estudantes, é mais que o dobro do da população brasileira: dos 2.075 entrevistados, 98% têm conta em alguma rede social. Em *Biológicas*, apenas uma pessoa declarou não ter uma. No conjunto, esta amostra indica que os usuários de redes sociais somam quase 100% dos discentes da Universidade Federal Fluminense.

Tabela 2 *Usuários de redes sociais na América Latina, por país (2014-2020)*

	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Social Network Users in Latin America, by Country, 2014-2020							
Social network users (millions)							
Brazil	78.1	86.5	93.2	97.8	100.6	103.1	105.2
Mexico	43.7	49.5	56.0	61.6	65.9	69.8	72.1
Argentina	19.2	20.8	21.7	22.5	23.3	23.9	24.3
Other	69.0	81.0	89.3	95.9	102.0	107.7	111.9
Latin America	210.0	237.8	260.1	277.8	291.8	304.4	313.6
Social network user growth (% change)							
Mexico	16.7%	13.2%	13.1%	10.0%	7.0%	6.0%	3.3%
Brazil	12.5%	10.7%	7.8%	5.0%	2.8%	2.4%	2.1%
Argentina	9.9%	8.5%	4.2%	3.8%	3.4%	2.6%	2.0%
Other	16.2%	17.5%	10.3%	7.3%	6.4%	5.6%	3.9%
Latin America	14.3%	13.2%	9.4%	6.8%	5.0%	4.3%	3.0%
<i>Note: internet users who use a social network via any device at least once per month; numbers may not add up to total due to rounding</i>							
<i>Source: eMarketer, June 2016</i>							
209337	www.eMarketer.com						

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a leitura tem lugar num conjunto de atividades dotadas de sentido, como afirma Michèle Petit, tal sentido não é algo que se constitui apenas consciente e racionalmente. Muito pelo contrário. O escritor francês Daniel Pennac, no livro *Como um romance*, pergunta como é possível parar para ler, sobretudo num mundo em que tempo parece ser exatamente o que mais falta. Sua resposta para essa questão talvez enganosa é lapidar:

A partir do momento em que se coloca o problema do tempo para ler, é porque a vontade não está lá. Porque, se pensarmos bem, *ninguém jamais tem tempo para ler*. Nem pequenos, nem adolescentes, nem grandes. A vida é um entrave permanente à leitura. (PENNAC, 1993, p. 118, grifo no original)

Trata-se, portanto, da formação de um desejo: é preciso aprender a *querer* ler. Mas para que essa vontade emerga é necessário que haja condições que a favoreçam – ou pelo menos que não haja fatores que a impeçam. Ao contemplar os resultados acima é bom que se tenha essa lição em mente porque, mais (ou menos?) que um obrigação profissional – como é o caso dos universitários que se preparam para o mercado de trabalho ou para a carreira acadêmica –, a leitura deve ser um prazer, um tempo “roubado à obrigação de viver”, “uma maneira de ser” (PENNAC, 1993, p. 119). A frieza dos números, com sua aparente objetividade, pode obscurecer uma atividade que é

essencialmente afetiva, como demonstram os depoimentos de leitores recolhidos pelo Museu Virtual da Leitura (disponível em https://www.youtube.com/channel/UC1Q5AV0haXMizYB_6RQcULg), projeto que desde 2016 desenvolvemos junto aos alunos da disciplina “Indústria editorial do livro” do Departamento de Ciência da Informação da UFF e que até agora gravou 92 entrevistas.

As conclusões a seguir são provisórias como são preliminares os resultados obtidos em nossa sondagem, pois há muitas respostas às 70 perguntas que ainda não foram estatisticamente tratadas. As poucas questões abertas prometem trabalho à parte, pois em algumas delas – que nos parecem essenciais – pedimos que os entrevistados escrevessem o título do livro e/ou o nome do autor que leram nos últimos 30 dias, tanto no formato impresso quanto no digital. Além disso, como dissemos na introdução, a multiplicidade de cruzamentos dos resultados oferece inúmeras hipóteses sobre o comportamento desses estudantes em relação à leitura – e desta na interação com outras práticas.

Seria ocioso repetir aqui algumas considerações sobre os gráficos, restando acrescentar comentários sobre os que seguem.

Principiemos pela renda familiar (gráfico 1), que tende a ser preponderante inclusive como fator dissuasório na frequência a equipamentos culturais e na compra de livros: os números indicam que o grosso do corpo discente da UFF se concentra em faixas inferiores e medianas de poder aquisitivo, isto é, de dois a dez salários mínimos mensais. Cientes de que renda não é sinônimo de classe social (SOUZA, 2010), consideramos que o gráfico 1 nos assegura que são minoritárias as camadas com poder aquisitivo acima de dez salários. Some-se a isso que os estudantes oriundos de famílias com renda de até dois salários compõem ao menos 20% do total em qualquer uma das três áreas. Cai por terra, assim, a ideia de que a universidade pública – ao menos essa – é um clube exclusivo das camadas sociais com maior poder de compra.

O gênero, matéria do gráfico 2, não é um aspecto banal: como dissemos, a população universitária da UFF é hegemonicamente feminina, o que tem implicações diretas no campo da leitura, uma vez que

[...] as mulheres são, com frequência, em quase toda parte do mundo, os agentes privilegiados do desenvolvimento cultural: elas devolvem muito do que adquiriram sustentando sua família, ajudando as crianças, desenvolvendo trocas, vínculos sociais, fornecendo suas forças e seus conhecimentos à vida associativa. (PETIT, 2013, p. 183)

Por outro lado, para explicar semelhante predomínio das alunas nessa população universitária, além do movimento de emancipação feminina, que no Brasil se acentua a partir da década de 1970 (ALVES & ALVES, 2013), convém

lembrar o fenômeno da feminização da força de trabalho, decorrente da tendência histórica e mundial do capitalismo contemporâneo – que, desde aqueles anos, reduzindo o valor dos salários reais –, crescentemente impele a mulher para o mercado profissional (GORENDER, 1999, p. 166-168).

Trabalho, estágio e práticas de atividades físicas, cruzados no gráfico 3, resultam num dado curioso: a área de *Biológicas*, com menor soma de estudantes estagiários e trabalhadores entre as três, conta bastante sedentários, numa diferença ínfima em relação à área de *Humanas* quanto ao sedentarismo. Assim como a leitura, a atividade física necessita ser dotada de sentido para que seja exercida? Haveria uma relação entre as duas? É o que verificaremos, em outra apresentação dos resultados desta pesquisa.

O gráfico 4 constata que o cinema está longe de desaparecer como atividade cultural: entre os estudantes da UFF, é a predileta, certamente favorecida pela meia-entrada, pela segurança e pela comodidade, uma vez que, no Brasil, a esmagadora maioria das salas está confinada em shoppings, com programação hegemônica pela indústria cinematográfica norte-americana.⁴ Chama a atenção, porém, a desproporção entre a frequência ao cinema e às outras quatro atividades listadas, em ordem decrescente: exposição/museu de arte, shows musicais, clube noturno/boate e viagem turística. O questionário oferecia mais opções (balé, concerto sinfônico e outras formações musicais eruditas, dança contemporânea, museu histórico, musicais, oficina de arte, oficina de música, oficina de teatro, oficina de texto, ópera, passeio guiado, sarau literário e teatro, além de permitir que o entrevistado escrevesse qualquer outra), mas as que constam do gráfico 4 foram as mais recorrentes, o que desenha um horizonte restrito de alternativas.

A baixa frequência regular às bibliotecas da universidade está sugerida no gráfico 6, sobretudo em *Exatas* e *Humanas*. Mas o gráfico 12 demonstra que a maioria dos estudantes dedica a metade ou a maior tempo navegando na internet para estudar ou pesquisar, enquanto o gráfico 10 indica que aproximadamente 95% dos discentes da UFF acessam a internet diariamente, por pelo menos uma hora, usando PCs e notebooks. Por outro lado, o gráfico

⁴ Conforme documento da Ancine (2018, p. 6), a série histórica indica crescimento médio anual de 4,7% do público de cinema no Brasil, de 2013 a 2017, embora abaixo de países como China (29,2%) e Rússia (8,3%). Ainda segundo a mesma publicação, 89,3% das salas estavam alocadas em shoppings centers, em 2017, num crescimento de 43,8% desde 2011, enquanto no mesmo período os cinemas “de rua” encolheram 2% (ANCINE, 2018, p. 10). A edição anterior do documento diz que “o Cinemark somou o maior público em 2016 com 45,58 milhões de espectadores (24,9% do total) e a maior renda, correspondente a R\$ 757,1 milhões (29,1%), obtendo, assim, aproximadamente o dobro de público e de renda do segundo colocado, o circuito exibidor Cinépolis, que obteve 23,18 milhões de espectadores (12,6%) e a renda de R\$ 362 milhões (13,9%). Em terceira posição vem o circuito exibidor Kinoplex, com 16,26 milhões de espectadores (8,9%) e R\$ 245,4 milhões de renda (9,4%)” (ANCINE, 2017, p. 11). Juntos, apenas esses três circuitos concentraram 46,9% do mercado de exibição em 2017.

7, sobre a relação entre trabalho e leitura da bibliografia acadêmica, parece confirmar a hipótese de Pennac sobre tempo e vontade de ler. Vontade, é certo, que não depende de disposição inata ou simples decisão pessoal, mas que é socialmente construída, pois, como escreve Michèle Petit, “ela já pressupõe uma certa autonomia. A leitura ajuda a pessoa a se construir, mas pressupõe, talvez, que ela já tenha se construído o suficiente e que suporte ficar a sós, confrontada consigo mesma” (PETIT, 2013, p. 134; ver também p. 121, 124, 138-139). E nessa construção, família e escola são decisivas.

Para esse universo de estudantes, o celular parece ser principalmente um veículo de lazer, distração e comunicação escrita, a julgar pelos gráficos 11-A e 11-B, pois esse aparelho serve sobretudo e ao mesmo tempo para acessar redes sociais e sites diversos, ler e-mails e ouvir música. Ler livros, jornais e revistas são funções que também comparecem em percentuais expressivos, mais uma vez indicando, com a portabilidade oferecida pelo celular, a pulverização dos meios e espaços de leitura.

Com isso, talvez fique respondida a pergunta que nomeia o presente artigo, ao menos no âmbito da população investigada: não, o leitor não morreu. Ele está apenas e aceleradamente mudando – e não mais se conforma ao modelo que se estabilizou ao longo dos séculos XIX e XX. É notável a presença cotidiana da internet e do celular na vida da quase totalidade dessas pessoas, numa concentração inaudita de funções e atividades inclusive simultâneas, em que a leitura e a escrita são preponderantes. As consequências dessas mudanças já são objeto de estudo, ainda que nos pareça cedo para qualquer afirmação categórica sobre o que elas efetivamente significam. Mas elas desafiam a biblioteca enquanto instituição e lhe cobram uma resposta urgente: o que ela tem a oferecer a esse novo leitor que nasce?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ana Carla Farias & ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **IV Seminário CETROS**, Fortaleza, 2013, p. 113-121.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo, Brasiliense, 1998, p. 65-70.
- BOLFARINE, Heleno & BUSSAB, Wilton Oliviera. **Elementos de amostragem**. São Paulo, Blücher, 2005.
- BRASIL. Agência Nacional do Cinema. **Anuário estatístico do cinema brasileiro 2017**. Brasília, Ancine, 2018.
- BRASIL. Agência Nacional do Cinema. **Anuário estatístico do cinema brasileiro 2016**. Brasília, Ancine, 2017.
- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo, Estação Liberdade, 2011.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Trad. Cláudia Freire. São Paulo, Editora da Unesp, 2006.
- GORENDER, Jacob. **Marxismo sem utopia**. São Paulo, Ática, 1999.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo, Editora da Unesp, 2015.
- HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** São Paulo, SESCSP, 2013.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo, Editora 34, 2013.
- RENDUELES, César. **Sociofobia: mudanças políticas na era da utopia digital**. Trad. Sergio Molina. São Paulo, Edições SESC, 2016.
- SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Trad. Juliana Martins Barbosa. Londres, UCL Press, 2018.